

A scholar for all Seasons'



HOMENAGEM A
JOÃO DE ALMEIDA FLOR

Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

Departamento de Estudos Anglisticos
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

“A Scholar for all Seasons”

HOMENAGEM A JOÃO DE ALMEIDA FLOR

“A Scholar for all Seasons”

HOMENAGEM A JOÃO DE ALMEIDA FLOR

Comissão Organizadora

J. Carlos Viana Ferreira

Adelaide Meira Serras

Alcinda Pinheiro de Sousa

Alexandra Assis Rosa

Hanna Pięta

Luísa Falcão

Marília Martins Gil

Susana Valdez

Teresa Cid

Teresa de Ataíde Malafaia



University of Lisbon Centre for English Studies
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

Título: “A Scholar for all Seasons”
Homenagem a João de Almeida Flor

Organização: J. Carlos Viana Ferreira, Adelaide Meira Serras,
Alcinda Pinheiro de Sousa, Alexandra Assis Rosa, Hanna Pięta, Luísa Falcão,
Marília Martins Gil, Susana Valdez, Teresa Cid, Teresa de Ataíde Malafaia

Edição: Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa /
Departamento de Estudos Anglisticos da Faculdade de Letras de Lisboa

Layout e Paginação: Inês Mateus

Execução Gráfica: Sersilito - Empresa Gráfica, Lda

ISBN: 978-972-8886-21-9

Depósito Legal: 353 234/12

PUBLICAÇÃO APOIADA PELA
FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

Índice

Nota Introdutória	13
João de Almeida Flor, <i>Curriculum Vitae</i>	15

TESTEMUNHOS E CONTRIBUIÇÕES

ADELAIDE MEIRA SERRAS, The Colony as an eighteenth-century utopian <i>locus</i> . An approach to James Burgh's <i>An Account of The First Settlement, Larws, Forms of Government, and Police of The Cessares, A People of South America</i>	35
ADRIANA ALVES DE PAULA MARTINS, Going beyond oblivion in António Lobo <i>Antunes's O Esplendor de Portugal</i>	43
AIRES A. NASCIMENTO, Nos limites do humano: a figura de Judas, em releitura da Navegação de S. Brandão	53
ALBERTO CARVALHO, Discursos de viagens, mundos opacos e transparentes . . .	71
ALCINDA PINHEIRO DE SOUSA, «A Humana Forma Divina» segundo William Blake e os Problemas de Diferença e Identidade na <i>Adoração dos Reis Magos</i> do Retábulo da Sé de Viseu	85
ALDA CORREIA, Regionalism in the Portuguese Short Story	103
ALEXANDRA ASSIS ROSA, Portugal para inglês ver: <i>Murray's Handbook for Travellers in Portugal, 1855</i>	117
ALEXANDRA LOPES, A Paixão de J.S. Bach segundo Anna Magdalena. Tradução, Variações & Fuga	131
ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA, O Processo de Leitura dos <i>Auctores</i> no <i>Policrático</i> , de João de Salisbúria	145
ANA CRISTINA MENDES, (Read)dressing the Victorian past in the filmic adaptation of A. S. Byatt's <i>Possession</i>	157
ANA MARIA BERNARDO, Operações de Tradução – um capítulo esquecido da Tradutologia	163
ANGÉLICA VARANDAS, From Ambrosius Aurelianus to Arthur: the Creation of a National Hero in <i>Historia Brittonum</i>	177

ANTÓNIO M. FEIJÓ, <i>That Old Philological Rag</i>	189
ANTÓNIO RAMOS DOS SANTOS, <i>A mundo-visão de Galtung sobre a paz.</i>	195
CARLA LAROUCO GOMES, <i>Richard Hooker and the shaping of the Church of England's identity: the role of Scripture, Reason and Tradition</i>	201
CARLOS A. M. GOUVEIA, <i>L1 writing development and the criteria to assess it: insights from a Portuguese pilot project</i>	209
DAVID EVANS, <i>The Wind and the Whirlwind: Wilfrid Scawen Blunt, Lady Augusta Gregory and the Egyptian Revolution of 1881-2</i>	223
ELISABETE MENDES SILVA, <i>Our Burmese Days: a personal odyssey in the context of the British Colonial Past</i>	233
EMÍLIA RIBEIRO PEDRO, <i>Romantismo, nacionalismo e linguística contemporânea</i>	239
EURICO DE ATAÍDE MALAFAIA, <i>As Ambiguidades da Política Recíproca de D. João II, Francisco I e Carlos V</i>	251
GABRIELA GÂNDARA TERENAS, <i>Intrigue, Deception and Treachery: Anglo-Portuguese Political and Military Relations as portrayed in a Peninsular War Novel</i>	261
GERALD BÄR, <i>The Earthly Paradise no Pano de Fundo de Anseios Contemporâneos</i>	275
HANNA PIĘTA, <i>Fontes bibliográficas na história da tradução em Portugal e sua aplicação na identificação de traduções da literatura polaca.</i>	297
HELENA CARVALHÃO BUESCU, <i>Vinte Horas De Leitura: Como se Fazem Romances?</i>	311
IOLANDA RAMOS, <i>Por Artes Mágicas: Utopia e Ciência na Grã-Bretanha Oitocentista</i>	319
ISABEL CAPELOA GIL, <i>Terror e Mito: Os anos de chumbo de Antígona</i>	337
ISABEL FERNANDES, <i>Os Estudos Literários no séc. XXI: o passado próximo, a crise e o próximo futuro</i>	349
ISABEL FERRO MEALHA AND EDUARDA MELO CABRITA, <i>Turning the Camera on Herself: Cindy Sherman in the EFL Classroom</i>	367
ISABEL M. R. MENDES DRUMOND BRAGA, <i>Do "Cego Abismo" à Luz da Salvação. Os Reduzidos Ingleses em Portugal</i>	383
ISABEL OLIVEIRA MARTINS, <i>'Over there, over there': American GIs in Wartime Britain</i>	395
ISABEL SIMÕES-FERREIRA, <i>O Reinado de Isabel II e a Relação com os Média</i>	405
JOÃO BARRELAS, <i>William Blake: Da tipografia ao universo digital</i>	421

JOÃO DIONÍSIO, À volta do princípio de <i>Finnegans Wake</i> por M. S. Lourenço . . .	433
JOÃO FERREIRA DUARTE, Can Images Be Translated? The Case of Iconotexts . . .	439
JOÃO DE MANCELOS, A World of Differences: Image, Identity and Reality in Alejandro Iñarritu's <i>Babel</i> (2006)	453
JOÃO MANUEL DE SOUSA NUNES, Sob o Signo de Marte: Um Tópico Distópico na Utopia de More?	461
JOAQUIM CERQUEIRA GONÇALVES, Discurso Literário e Discurso Filosófico . . .	469
JORGE BASTOS DA SILVA, Modos de Ler: O Clássico e a Historicidade do Literário no Período Augustano	477
JOSÉ A. SEGURADO E CAMPOS, Em Torno dos Paradoxos dos Estóicos	491
JOSÉ DUARTE, <i>Lisboa que amanhece</i> . Reflexões sobre <i>Lisboa, Cidade Triste e Alegre</i> de Victor Palla e Costa Martins	505
JOSÉ PEDRO SERRA, O professor e o exemplo na herança de “As duas Culturas” .	517
JÚLIA DIAS FERREIRA, <i>The Seafarer</i>	521
J. CARLOS VIANA FERREIRA, Leonard Woolf: a formação de um anti-imperialista .	527
LILI CAVALHEIRO, Rethinking the role of English Language Teaching in Europe	541
LUISA LEAL DE FARIA, Os <i>English Studies</i> e a “missão” da Universidade	551
LUÍSA MARIA RODRIGUES FLORA, Inventores de sonhos, criadores de pesadelos: os narradores-crianças em <i>The Daydreamer</i> e <i>Atonement</i>	567
MALCOLM JACK, Musing with the Professor	579
MANUEL GOMES DA TORRE, Para quando uma história do ensino do inglês em Portugal?	585
MARGARIDA VALE DE GATO, Três Poetas Luso-Americanas em Tradução	597
MARIA ADELAIDE RAMOS, (tradução) “Altarwise by owl-light” / “Em direcção ao altar, à luz da coruja” Sequência de Sonetos de Dylan Thomas	613
MARIA ANTÓNIA LIMA, The Abyss Attraction in Poe, Hitchcock and Neil Gaiman	625
MARIA CÂNDIDA ZAMITH SILVA, The Similar and Opposite Destinies of May Sinclair and Virginia Woolf: Continuity and Divergence	633
MARIA DE DEUS DUARTE, A Lisboa de John Berger em <i>Here is where we meet</i> . . .	643
MARIA EMÍLIA DUARTE NUNES DA FONSECA, Metamorphoses of Reconciliation: from War into Peace, from Arms into Art. A Brief Analysis of two Artistic Projects Aiming to Change a Culture of War into a Culture of Peace.	653

MARIA HELENA DE PAIVA CORREIA, Olhando de Relance a Poesia Sul-Africana de Expressão Inglesa na Segunda Metade do Século XX e a Sua Relação com o <i>Apartheid</i> , a Propósito da Tradução para Português de um Poema de Mongane Wally Serote	663
MARIA ISABEL BARBUDO, Da Página para o Palco e para o Ecrã. A Adaptação Dramática e a Adaptação Cinematográfica do Romance de E. M. Forster <i>A Passage to India</i>	671
MARIA DE JESUS CRESPO CANDEIAS VELEZ RELVAS, On Righteousness and Dignity: Two Challenging Issues since Early Modern Times	681
MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES, "O tempo presente e o tempo passado – Estão ambos talvez presentes no tempo futuro"	685
MARIA LEONOR MACHADO DE SOUSA, Um Conto Possível em Portugal	693
MARIA LEONOR TELLES, Um Poema de Charles Williams	701
MARIA LÚCIA DIOGO AYRES D'ABREU, Uma Visita (uma virtual, outra real), um Museu, um Editor de Jogos e Livros – A Editorial Infantil MAJORA. Algumas Achegas para uma História de Editores portugueses	707
MARIA LUÍSA AZUAGA, Pronomes e passivas do inglês: uma breve perspetivação histórica	719
MARIA LUÍSA FRANCO DE OLIVEIRA FALCÃO, Nunca é por acaso: Uma tradução de <i>Desiderata</i> , <i>Words for Life</i> , de Max Hermann	727
MARIA SALOMÉ MACHADO, William Golding's <i>The Scorpion God</i> and Paul Doherty's <i>The Horus Killings</i> – the recurrent appeal of eras gone by	733
MARIA ZULMIRA CASTANHEIRA, <i>Spleen</i> : um traço recorrente da representação do inglês-tipo na imprensa periódica do Romantismo português	741
MARIJKE BOUCHERIE, Short Story as hagiography: Alice Munro's triptych of a secular saint in <i>Runaway</i> (2005)	759
MARÍLIA MARTINS GIL, Alice Mona Caird's Reputation: The Paradigm of Duality	777
MÁRIO AVELAR, De Dickens a Botelho – a cor e a linha na representação de uma atmosfera	783
MÁRIO JOSÉ B. RAPOSO, A Visita de um Vitoriano a Portugal – A. Tennyson	789
MÁRIO VÍTOR BASTOS, <i>Briggflatts</i> de Basil Bunting. Quarta e Quinta Partes. Uma versão portuguesa	797
MIGUEL ALARCÃO, <i>The last refuge of a scoundrel?</i> Para uma (re)leitura 'patriótica' da 'apostasia' de Southey e(m) <i>Wat Tyler</i> (1794-1817)	803
PATRICIA ANNE ODBER DE BAUBETA, Christmas Anthologies in Portugal	823

PAULO EDUARDO CARVALHO, Changing Dramaturgies and Theatrical Forms: ‘Deep Emotions’ and ‘Wordless Ceremonies’ on the Irish Contemporary Stage	847
PEDRO FLOR, O retrato como imagem utópica do Homem do Renascimento . . .	855
RITA QUEIROZ DE BARROS, O inglês como língua académica na Faculdade de Letras de Lisboa: um projecto de investigação	861
ROGÉRIO MIGUEL PUGA, “Quaint and Picturesque”: Representações do Porto nos Anos (19)30 em <i>My Tour in Portugal</i> , de Helen Cameron Gordon, Lady Russell	873
SUSANA VARELA FLOR, Dois Retratos Seiscentistas na Colecção do Palácio Nacional de Sintra	887
TERESA DE ATAÍDE MALAFAIA, Relembrando conversas, relembrando uma exposição. Algumas notas sobre <i>femmes fatales</i>	897
TERESA CASAL, Herdar histórias divididas, criar histórias ligadas: Hugo Hamilton e Glenn Patterson em Tradução	905
TERESA CID, Preferring not to: Bartleby’s NO in... Silence!	915
TERESA F. A. ALVES, Disquietude or the Leap into the Sea	929
TERESA M. L. R. CADETE, Quando as escadas (ainda) não têm degraus: habitando espaços invisíveis, relativizando oposições	947
TERESA SERUYA, Ideias dominantes sobre tradução em Portugal	959
VALDEMAR DE AZEVEDO FERREIRA, A <i>Epístola sobre a Tradução</i> , de Martinho Lutero	971
VÍTOR AGUIAR E SILVA, <i>In Memoriam</i> Claudio Guillén (1924-2007)	989
TABULA GRATULATORIA	1001

Nota Introdutória

Este volume, da iniciativa do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa e do Departamento de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras de Lisboa, reúne um elevado número de contributos de colegas, familiares e amigos do Professor Doutor João de Almeida Flor, e pretende testemunhar, de uma forma simbólica, o reconhecimento da sua exemplar dedicação enquanto docente, dirigente e investigador. A diversidade e a profundidade dos seus interesses académicos, patentes no *Curriculum Vitae* incluído no volume, justificam o grande apreço e admiração que sempre suscitou em quem pôde acompanhar a sua carreira. Com efeito, o elevado nível intelectual do seu trabalho académico, quer na docência, quer na investigação, marcado pelo rigor e excepcional eloquência que sempre caracterizaram o seu magistério, deixam uma marca indelével em todos aqueles que tiveram o privilégio de ser seus alunos, orientandos e/ou seus colegas.

Tendo dedicado boa parte da sua investigação e docência à literatura e à cultura inglesas, com especial destaque para as obras de poetas românticos e de William Shakespeare, a sua insaciável curiosidade intelectual encaminhou-o para muitas outras áreas do saber, nomeadamente para as literaturas românicas e para os estudos de tradução. De entre as publicações vindas a lume, para além de volumes, artigos e ensaios que abrangem as mais diversas áreas e denotam profundo e continuado labor reflexivo, sobressaem também as traduções, anotadas e prefaciadas, de textos de grandes poetas de língua inglesa. A notável sensibilidade estética e poética de João de Almeida Flor, aliada ao rigor de expressão e ao dom de oratória, confluíram na meritória tarefa de divulgação de textos de difícil acesso a um público mais alargado.

Os seus vastos conhecimentos científicos permitiram-lhe orientar inúmeras dissertações de Mestrado e de Doutoramento, a que acresce a regular participação em júris, não apenas na Universidade de Lisboa, mas também noutras universidades do país, tendo também participado em colóquios e conferências nacionais e internacionais, com intervenções e comunicações que mereceram reconhecido destaque.

Ainda no âmbito da investigação científica, para além de pertencer a várias e reputadas associações e instituições académicas, foi membro da Comissão Instaladora e Coordenador Científico do Centro de Estudos Anglísticos (CEAUL/ULICES) desde 1986 até 2009. A ele se deve a dinamização e um zeloso acompanhamento das actividades deste Centro de Investigação que, ao longo dos anos, se foi afirmando pela qualidade das suas publicações e iniciativas. Sob a sua coordenação, o CEAUL/ULICES viria a atingir o grau de excelência reconhecido pela Comissão

de Avaliação Externa em 2008. Dando actualmente continuidade à sua actividade como investigador neste Centro, João de Almeida Flor continua também a assumir tarefas de coordenação editorial — uma outra área a que se foi dedicando ao longo dos anos.

Embora não seja fácil resumir, em poucas palavras, a extensão e a diversidade dos interesses, projectos e actividades constantes do seu *Curriculum Vitae*, impõe-se que apontemos ainda o elevado número de iniciativas no âmbito da extensão científica e cultural, bem como o seu relevante contributo para as actividades de administração escolar, não só enquanto dirigente do Departamento de Estudos Anglísticos, mas também em instâncias mais alargadas, dentro da Faculdade de Letras e da Universidade de Lisboa. Entre os múltiplos exemplos da sua participação activa e determinante no que respeita ao Departamento de Estudos Anglísticos, destaquemos a colaboração nas reformulações curriculares, assim como na elaboração dos Estatutos deste Departamento, a que mais recentemente se somou a participação na Assembleia Estatutária da Faculdade de Letras de Lisboa.

Para concluir esta breve nota introdutória, coloquemos em palavras aquilo que é, certamente, o pensar e o sentir de todos nós: que a presença e o labor intelectual de João de Almeida Flor continuem a servir de exemplo e de motivação para o nosso próprio trabalho. E lembremos, a propósito, uma frase de Percy Shelley: “There is no real wealth but the labour of man”.

Isabel Maria Rosa Fernandes

Directora do Centro de Estudos Anglísticos

Maria Isabel Barbudo

Directora do Departamento de Estudos Anglísticos

Our Burmese Days: a personal odyssey in the context of the British Colonial Past

*Elisabete Mendes Silva**

The British Empire represented a crucial aspect of national identity and race consciousness. Its greatness and grandiosity, at least until the eve of the First World War, demarcated an imperial identity based not only on race and colour, but also on class, hierarchy and status. (Cannadine, 2001: 121-122, 126) These differences were vital in order to validate the Empire building and settlement, since the British, grounded on the discourse of God's chosen and supremacy, "would bring the benefits of their superior civilization to others" (Hall, 2008: 203). The discourse of the civilizing mission which Britain endured played an important part in the construction of identity, based on differences of race, of class, of ethnicity, of gender and of sexuality that distinguished the coloniser from the colonised. Catherine Hall (2008: 203) speaks of 'grammars of difference' which placed peoples hierarchically, some being seen as having greater capacity and more rights than other. African or Indians were not the same as Britons.

This idea of a superior, blessed people was also propagated by many historians in the 19th century who would undoubtedly declare the British wisdom and superiority which would substantiate its world sovereignty. The awareness that the sun always shines on every part of the British Empire represented one of the main mottos of the imperial discourse of the late nineteenth century. The Crimean War (1853-56), the victory over the Indians during the Indian Mutiny (1857-8), the substantial territorial expansion between 1850 and 1914, the Boer Wars (1880-1; 1899-1902), the control over east and southern Africa, just to mention some examples, endorsed the British strength both at home and worldwide. Despite the criticisms of many liberal politicians on imperial expansion for its own sake, namely William Gladstone, J. A. Hobson and L. T. Hobhouse, the British still held not only on an ideology of mission but, most importantly, on power politics and military and economic interests.

Jingoism and Christian proselytism concurred to the growth of popular imperialist sentiment at home. As Mackenzie (1986: 3) states:

In the emergence of the new nationalisms 'state, nation, and society converged' and the elite which promoted this convergence created new rituals, a whole range of invented traditions and cults through which it could be communicated to the public. (...) in Britain the nationalist convergence took a distinctively imperial form in the defence of real and imagined colonial interests.

* ULICES, Instituto Politécnico de Bragança

The British were at home with the Empire as it was present in the everyday lives of ordinary people, inculcating a sense of nationalism in British people that made them aware of their superiority towards the others, that is, the natives from the colonies whose skin colour, texture of hair, capacity of reason were significantly different (Hall & Rose, 2006: 22-23). According to Catherine Hall and Sonya Rose (25), 'to be 'at home' with the Empire is to imagine the imperial world under control by the metropolis and a state of affairs that one can and does live with.'

Based on these imperial discursive practices, it is our task to analyse and comment on two works which depict the British Empire and its people, the novel *Burmese Days* by George Orwell and the documentary *Our Burmese Days* by Lindsey Merrison, in order to understand the different discourses of both colonisers and colonised. We will delve more specifically into the role of the protagonists of these two works — Sally Merrison, Flory and U Po Khin — regarding their attitudes towards the Empire.

Our Burmese Days (1996) exemplifies a revealing documentary about the past of a Eurasian family and it is a glimpse of life in a country haunted by an imperial past. The director Lindsey Merrison takes her mother back to Burma, the place where she was born, even though this was a secret kept from her and her brother until they were adults. The mother, Sally Merrison, an immigrant to England in the late 50s, ashamed of her heritage insists in denying her Burmese identity by cultivating an impeccable, flawless English accent, and by undoubtedly claiming that she is English because she feels English.

Given that the documentary's title comes from George Orwell's novel *Burmese Days*, it is thus relevant to draw some comparison between Sally's prejudice towards Burma, a former British colony now known as Myanmar, and its culture, and *Burmese Days*' key character, U Po Khin, who strives to be on the side of the British and to become a parasite upon them. One of the main purposes of this paper is to comment on some scenes of the documentary, sketching some passages of Orwell's novel that might have some resemblance with the documentary, which allow us to assess, on the one side, how the British saw the natives and, on the other, how the natives saw the white European people, and how did the imperial stance influence to form and shape a person's identity.

Burmese Days was published in 1936 and represents the result of Orwell's stay in Burma as a police officer.¹ That experience helped him to define his opinion on imperialism and colonialism. What he expected to become a great adventure turned out a disappointing journey however enlightening on the perils of imperialism. His position is also well portrayed in two of his autobiographical essays: 'A Hanging' and 'Shooting an Elephant' where he stresses the real nature of imperialism (Orwell, 1983: 19):

¹ Burma was brought under British rule and part of the British Empire in 1885, after a gradual conquest which began in 1824. George Orwell worked as a police officer in Burma from 1922 to 1927.

For at that time I had already made up my mind that imperialism was an evil thing and the sooner I chucked up my job and got out of it the better. Theoretically – and secretly, of course – I was all for the Burmese and all against their oppressors, the British. As for the job I was doing, I hated it more bitterly than I can make clear. In a job like that you see the dirty work of Empire at close quarters.

The setting of *Burmese Days* is in Katha, almost 200 miles north of Mandalay, Orwell's last post, after being sent to five different places in Burma, namely Rangoon, as it is shown in the map below (figure 1).



Figure 1: Meyers (2000: 51)

Burmese Days is about the work and life of British officials among Orientals, and about how the society was organized for the British and for the natives, depicting the colonial mentality and emphasizing gender and class differences which revealed fundamental in the Anglo-Indian hierarchy.

Flory, the hero of the story, is a British officer who admires the natives' culture and traditions and condemns colonialism and the British hostility to the Burmese. As Flory states in a conversation with his Indian friend, Doctor Veraswami (1983: 95): 'The British Empire is simply a device for giving trade monopolies to the English — or rather to gangs of Jews and Scotchmen,' and he adds further ahead 'We teach the young men to drink whisky and play football, I admit, but precious little else. We've never taught a single useful manual trade to the Indians. We daren't;

frightened of the competition in industry.' Dr Veraswami of course didn't believe in these arguments, blaming the Oriental character, grounded on apathy and superstition.

When Flory takes Elizabeth, Mr. Lackersteen's niece (another British officer) just returned from Paris and anxious to get a husband, to the bazaar, he was eager to interest her in things Oriental. However, in Elizabeth's thought, Flory was asking her to be fond of the Burmese, to admire people with black faces, almost savages (143):

He was forever praising Burmese customs and the Burmese character; he even went so far as to contrast them favourably with the English. It disquieted her. After all, natives were natives – interesting, no doubt, but finally only a 'subject' people, an inferior people with black faces. (...) He so wanted her to love Burma as he loved it, not to look at it with the dull, incurious eyes of a memsahib.

Flory also shows profound admiration for his servants and especially for Dr. Veraswami. The Indian doctor considers the British civilized people in opposition to the barbarian natives and being an Englishman's friend was one of the most prestigious things he could achieve for prestige was, for him, everything (95):

'My friend, it iss pathetic to me to hear you talk so. It iss truly pathetic. You say you are here to trade? Of course you are. Could the Burmese trade for themselves? Can they make machinery, ships, railways, roads? They are helpless without you. What would happen to the Burmese forests if the English were not here? They would be sold immediately to the Japanese, who would gut them and ruin them. In your hands, actually they are improved. And while your businessmen develop the resources of our country, your officials are civilizing us, elevating us to their level, from pure public spirit. It is a magnificent record of self-sacrifice'.

U Po Khin, the character who represents the ambitious and scoundrel natives struggling to be successful in life no matter what, tired of associating only with Burmese, whom he considered poor and inferior, and living like a miserable Township Officer, wanted to reach fame and greatness among the British. U Po Khin's most sacred desire was to achieve glory and the highest honour an oriental can attain to by being a member of the European club. U Po Khin excitingly described (159) the club as:

that remote, mysterious temple, that holy of holies for harder of entry than Nirvana! Po Khin the naked gutter-boy of Mandalay, the thieving clerk and obscure official, would enter that sacred place, call Europeans 'old chaps', drink whisky and knock white balls to and fro on the green table!

U Po Khin bemoaned his own race and admired the British culture and by getting the club's membership he would feel part of the same world, an elevated and superior world. Therefore, his traps to degrade Dr. Veraswami and Flory were only carried out because of the deep desire of prestige among the British, not because of money. Feeling, however, that by being an Englishman he was above

suspicion, Flory couldn't, in the end, avoid being trapped by U Po Khin's decoys.

The club was in fact one of the most defining and restraining *topoi* in British colonies. According to Geoffrey Meyers (2000: 50) 'the limitations of white society, the profound ennui and isolation of the officials are portrayed in the club scenes of Orwell's *Burmese Days*. The Club is not alone a place of enjoyment, it is a symbol of racial solidarity.' In *Burmese Days* (1983: 81) the club is depicted as 'the spiritual citadel, the real seat of the British power, the Nirvana for which native officials and millionaires pine in vain.' However, no Oriental had been admitted to membership.

Similarly, in the documentary, Sally Merrison, an Anglo-Burmese, presents ambiguous attitudes towards Burma and Burmese people and we can find some similarities between her and U Po Khin, striving to be accepted by the British. Nonetheless, Sally, more drastically, cuts off with her Burmese roots and rather presumptuously denies her Burmese identity, even though she had spent the first 17 years of her life in Burma, the most formative years in a person's life. Whenever questioned about the place she comes from, she simply tells people she comes from Hemel Hempstead,² because it is too complicated a story to tell. It's simply a problem she doesn't want to discuss. She loathes speaking about her roots and she argues that there is nothing Freudian about it, nothing psychological. Looking at Burmese people in a British perspective, it is rather off putting for Sally dealing with crowds of people who are just different from her. As she argues, she doesn't have the Asiatic mind, because she hadn't been brought up to have an Asiatic mind. All her friends were of European extraction. Her father (white), an accountant and an established shipping officer, wouldn't allow her and her brother William Franklin (Bill) to speak Burmese. They were forbidden to speak it and even to fraternize among Burmese children. And again her father followed a strict hierarchy in the social ladder. Servants were servants, they knew their place. Even though her mother acted quite differently from her father, her father's influence has won over Sally.

Despite enjoying a particular status within the Anglo-Burmese community, they couldn't escape from the established hierarchy that Rangoon had at that time. There were the Anglos, the Indian and the Anglo-Burmese. Her father was therefore not allowed the entrance to the British sacrosanct clubs. There was no way he could be invited to British controlled clubs. He had his own Anglo-Burmese agreement clubs. And, of course, he didn't mind.

When the two brothers, Sally and Bill, speak about this subject one clearly notices the difference between Bill and Sally's attitudes towards Burma. Bill, in a rather modest approach, says he feels a bit of Portuguese, a bit of Burmese and a bit of English. He considers himself as a half-caste, because truly if they look into the mirror they will see they're not English. As Bill argues, the features are simply

² Town in Hertfordshire in the East of England, 24 miles (38.6 km) to the north west of London and part of the Greater London Urban Area. Also a byword for white, middle-class respectability.

wrong. Even though Sally speaks as an English person, or has an English lifestyle, the mirror will tell her that she is not English. Bill thinks himself as Asian and if Sally and he were in South Africa, for example, they would be called coloured. Bill doesn't believe her sister when she says that she felt English even when she was living in Burma. That can't be true. Again, Bill gets no reply, because Sally refuses entering into that topic.

Even though U Po Khin hadn't ever been to England, his sole desire was to live, act and speak like the British and, for him, the ascension to the most symbolic and emblematic temple of British culture represented being accepted by equals. In the end he manages to get the club's membership, through a whole series of plots and briberies whose outcome was Dr. Veraswami and Flory's disgrace. Dr. Veraswami was transferred to Mandalay General Hospital, with a reduced pay, and Flory committed suicide.

Sally Merrison, in the odyssey to her birthplace acts as if she doesn't belong there always behaving as a visitor touring the place one day she lived in. She categorically refuses to discuss the subject of her origins because she has no use for the past and, after all, her identity is English, she feels English despite the colour of her skin, and as U Po Khin, she has no feeling for the Burmese because she grew up hearing the British discourse of superiority. Burma meant simply a negative and excluded dimension in the formation of her identity.

In conclusion, on the one side, Sally Merrison and U Po Khin, and Flory on the other, represent good examples of how the British Empire influenced both the colonised and the colonisers for better or for worse, and their prejudiced attitudes reflect sustained widespread racist assertions and assumptions that the Empire provided both at home and in British territorial possessions.

Bibliography

- CANNADINE, David (2001). *Ornamentalism. How the British saw their Empire*. Oxford: OUP.
- HALL, Catherine & Rose, Sonya O. (eds.) (2006). *At Home with the Empire*. Oxford: Oxford University Press.
- HALL, Catherine (2008). "Culture and Identity in Imperial Britain". Sarah Stockwell (ed.). *The British Empire. Themes and Perspectives*. Oxford: Blackwell. 199-217.
- MACKENZIE, John (ed.) (1986). *Imperialism and Popular Culture*. Manchester: Manchester University Press.
- MERRISON, Lindsey. (2007: 1996). *Our Burmese Days*. Watertown, MA: Documentary Educational Resources.
- MEYERS, Jeffrey (2000). *George Orwell. Wintry Conscience of a Generation*. New York: Norton.
- ORWELL, George (1983). *Burmese Days. Complete Works*. London: Penguin Books. 72-249.
- _____. (2000). "Shooting an Elephant." *Essays*. London: Penguin Classics. 18-25.